

Intimidade no contemporâneo

Flávia R. B. M. Bertão¹

Francisco Hashimoto²

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

Resumo: Este trabalho foi apresentado no VII Encontro Científico do Programa de Pós Graduação em Psicologia/Integração Graduação-Pós-Graduação, na Unesp de Assis, na mesa redonda “Tempo e Velocidade na Subjetividade. Buscou-se refletir sobre as formas de intimidade estabelecidas no mundo contemporâneo, as significações do encontro e ou rupturas entre a dupla-terapeuta e paciente e o desenvolvimento nos espaços de intimidade no contexto psicoterápico.

Palavras-chave: *intimidade, contemporâneo, psicanálise, subjetividade.*

Refletir sobre a intimidade nos tempos atuais, de relações frágeis, rápidas e sem consistência, onde predominam a valorização da imagem, do consumismo e a lógica do espetáculo e uma cultura do narcisismo, constitui um ponto fundamental nas questões relacionadas à constituição do sujeito.

Consideramos necessárias algumas ponderações sobre o mundo contemporâneo e suas características, desse modo de viver e de estabelecer relações: Novas configurações de cultura de onde resultam formas de sofrimentos diferentes, mas característicos desse momento.

Pensar o contemporâneo requer pensar a cultura a partir das relações dos indivíduos entre si; seus encontros e desencontros darão contorno à subjetividade que é determinada pelo contato, tanto por meio do discurso verbal como pelo discurso inconsciente estabelecido nas relações entre as pessoas.

O mundo contemporâneo tem como parâmetros norteadores da constituição do sujeito, o individualismo e predominância de características narcísicas. Ainda com crescente falta de investimentos afetivos entre as pessoas, tem desencadeado como resultado a alteração da sensibilidade, que pode ser descrita como um sentimento de tédio diante da vida, um sentimento de deserto afetivo vivido no domínio da fragilidade dos símbolos no nível social, ocorrendo uma fratura do símbolo, juntamente com a desnaturação da linguagem, isto é, um esvaziamento semântico.

Nessa condição, o laço simbólico constitui-se de interrogações, de busca e de se refazer, criando uma nova sensibilidade, um novo jeito de sentir, de reagir. Assim a

¹ Mestre em Psicologia Unesp-Assis (SP). Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis.

² Professor Doutor dos cursos de Graduação e Pós Graduação em psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis.

linguagem vai mudando, se desfazendo e criando uma nova palavra que se liga a um novo significado, criando um novo laço simbólico. A linguagem confere ao mundo e aos sujeitos um contorno de uma imagem, referente à suas histórias e valores ao longo dos tempos, à medida que ocorrem mutações e quebras dessa linguagem, a importância e os significados do nosso próprio registro vão se perdendo, deixando poucas possibilidades de identificações. Bauman (2003) considera que essa liquidez das relações e do mundo traz junto uma fragilidade de vínculos, talvez uma sensação assustadora do estar sem lastro, resultado de uma leveza atordoante do mundo contemporâneo.

Podemos considerar então que as subjetividades resultantes dessa condição de mundo não são amparadas, por malhas simbólicas que contenham os impulsos, atuações e rompantes. Justificando a impossibilidade de construção de laços afetivos duradouros, responsáveis pelo intenso sofrimento psíquico que se apresenta na clínica contemporânea.

Na relação paciente-analista segundo Brandão (2003):

A intimidade esta implícita em tudo e seria difícil destacá-la de um todo. Esta na transferência, na contratransferência, na identificação projetiva, nas questões técnicas, na interpretação, elaboração, empatia, etc. . . Parecia-me que a psicanálise era a ciência da intimidade. (Brandão, 1993, p4.)

Estar como outro de maneira íntima possibilita conhecer e desenvolver, transformar aspectos afetivos. É no encontro que se vivencia, trocando e contendo o desejo, o medo da loucura e a possibilidade de lidar com sentimentos de amor e de sensibilidade, promovendo o crescimento e o conhecimento de si.

No encontro da dupla, se busca encontrar algum conhecimento que possibilite alcançar alguma transformação, significando guiar-se pelos caminhos da angústia diante do que está encoberto ou dos aspectos nunca antes pensados. O analista faz um convite ao paciente para andar por caminhos turbulentos e desconhecidos. Essa relação só pode ser desenvolvida com a proximidade e contato duradouros. Leva-se tempo para chegarmos à intimidade mais profunda e real, aquela que cria experiências, lembranças e o sentimento de ser compreendido.

Fazendo uma analogia da relação psicoterápica com a materna, o primeiro objeto, isto é, a mãe e sua internalização, resultam numa relação na qual o amor pode ser compartilhado, dado e recebido. O bebê de posse dessa experiência pode ter a ansiedade persecutória amenizada e o superego abrandado pela sensação de ser satisfeito. Num primeiro momento, por meio da maternagem, um cuidado que diz respeito à criança ser atendida em suas necessidades físicas e também emocionais. Posteriormente, na vida adulta, essas experiências são tidas como a base do sentimento de gratidão, possibilitando a retribuição das coisas boas recebidas da relação materna para as relações sociais. Um superego mais brando permite maior tolerância para agüentar as falhas dos objetos externos sem prejudicá-los e ainda assim ligar-se com os aspectos bons. Para a pessoa ser capaz de demonstrar tolerância e buscar a proximidade nas situações de convivência a dois ou em grupo, demandam experiências relacionadas às vivências de satisfação e de ter conseguido internalizar boas relações de objeto.

Haverá desse modo empatia entre os indivíduos, o que possibilitará, paulatinamente, o desenvolvimento de uma configuração de intimidade, a qual

possibilitará as trocas afetivas e o respeito pelas diferenças, possibilitando um vasto campo para compartilhar desejos, medos e esperanças.

Brandão (2003) definiu intimidade como: Que é entre íntimos é “*o mais interior*” é a introdução no afeto ou estado de espírito de alguém, ao aproximar-se dessa pessoa.

Querer saber sobre a outra pessoa passa por um clima de confiança e empatia, que resgata transferencialmente a relação afetiva vivida com a mãe nas primeiras experiências de vida. Todo sentimento e cuidados recebidos criam futuramente a possibilidade de um encontro significativo que satisfaça afetivamente a ambas. Essa condição é também necessária nas relações a dois ou nas relações em grupo.

Em contrapartida, quando as primeiras vivências não foram tão satisfatórias entre a mãe e o bebê, deixam uma frágil internalização do seio materno, podendo ocorrer uma predominância da ansiedade persecutória que se mostra como uma das origens do sentimento de solidão (Klein, 1963/1991, p.353).

A intimidade sugere vários contornos de ser, determinados pela subjetividade de cada um, pelo modo de olhar que cada indivíduo dispensa ao outro, buscando ou não estar próximo em suas relações, ou ainda podendo ou não procurar essa proximidade com as pessoas.

De acordo com Minerbo (1993), são muitas as possibilidades de intimidade e todos nós a experimentamos em uma grande variedade, algumas mais confortáveis, outras mais angustiantes, outras repudiadas, e algumas ainda apresentam-se de forma bastante primitiva.

Segundo Minerbo:

Psicanaliticamente a intimidade parece ser mais ampla que a relação de proximidade entre duas pessoas em que uma revela sua interioridade a outra. É o olhar analítico que enxerga a intimidade revelada na fala do paciente. É também no olhar analítico que ao distinguir na clínica várias formas de intimidade obriga a ampliar o sentido do termo. (Minerbo, 1993, p.234).

Ainda de acordo com Minerbo (1993), a intimidade é uma forma de encontro com o outro. Há um mergulho no eu do outro e lá ele se reconhece no que é semelhante, contudo diferente. É preciso então a tolerância para com o próprio psiquismo.

Esse auto-acolhimento é condição necessária para a empatia e acolhimento do outro em sua incompletude ou imperfeição. O outro então pode mirar-se e reconhecer-se no olhar íntimo sem sentir-se ridículo ou devassado. Esse olhar é constitutivo do ser, da intimidade. É condição para a intimidade um mínimo de pele psíquica, de contornos do EU. A intimidade só é possível no campo da neurose em que, bem ou mal, há algum reconhecimento da alteridade. ... A intimidade implica num equilíbrio instável entre o reconhecimento da alteridade e o fascínio da fusão narcísica com o outro. (Minerbo, 1993, p.241).

A intimidade é um sentimento ou condição de aproximação que abre um espaço de possibilidades, encontros e trocas afetivas, mas que hoje se depara com outras formas de relação. No contemporâneo vive-se em cada relação a intimidade que é possível de acordo com as novas subjetividades constituídas nesse período, com limitações ou com desprendimentos, entrega ao outro ou ainda de forma egoísta e fragmentada.

Minerbo (1993) aponta três formas de intimidade, mas assinala a existência de outras. A intimidade fusional, a intimidade perversa e a intimidade íntima. Seus vários

contornos são determinados pela subjetividade de cada um, pelo modo de olhar que cada indivíduo dispensa ao outro, em decorrência da sua constituição emocional. Podemos considerar a prevalência das intimidades fusional e perversa no contemporâneo.

A primeira, fusional, diz respeito a quem está permanentemente unido ao outro, negando a possibilidade de separação por temer a perda e a possibilidade de sentir-se só. Apresenta aspectos sádicos, uma vez que, busca prender e controlar outras pessoas. Ao estar com outro, sente como se fosse igual a estar consigo mesmo, desconsidera as diferenças e individualidades, mostrando uma característica sádica. O outro não é percebido como uma pessoa com singularidades, mas é considerada apenas como responsável por suprir necessidades. A segunda, perversa, refere-se a uma intimidade intrusiva, perturbadora, na qual a pessoa sente excitação ao controlar o objeto perversamente, havendo entrega apenas com o intuito de produzir dependência na outra pessoa. Em ambas as formas de intimidade, não acontecem trocas e os envoltimentos afetivos, nem atitudes de consideração, talvez sejam formas de “ligações” que de fato não se ligam a nada, apenas exploram de forma parasitária a proximidade do outro.

A terceira forma de intimidade, acontece uma proximidade, que ainda assim permite a individualidade, permitindo estar com o outro, aproveitando dessa companhia, como estar consigo mesmo e saber que ali existe outra pessoa com suas diferenças. Poder sentir a sensação de estar verdadeiramente acompanhado e permitir que a proximidade surja nas relações, investindo realmente no contato.

Há ainda pessoas que tem aversão à intimidade e não conseguem permitir que a proximidade aconteça, nem conseguem perceber que tem uma vida psíquica, permanecendo na superficialidade, e ainda, predominando o medo e a impossibilidade de aprofundar em busca de si e seus sentimentos.

Essas outras formas de intimidade parecem carecer de uma “*pára excitação*” (Freud), “*barreira de contato*” (Bion).

Freud no artigo *Uma nota sobre o “Bloco Mágico”* (1925[1924] /1996) refere sobre a noção de camada protetora do aparelho psíquico capaz de estabelecer um contato e comunicação entre o mundo interno e externo, assim como no artigo *Interpretação dos sonhos* (1900/1996). Em “*Projeto para uma Psicologia Científica*” Freud (1895/1996) nomeou a denominação “barreiras de contato” que controlam a passagem da quantidade estímulos tanto externamente como do interior do aparelho psíquico para o mundo externo.

Também Anzieu (2000) discorre sobre o *Eu pele* como um envelope, deixando espaço interno, um lugar e instrumento de emissão de mensagens. Considera que ser um eu é sentir a capacidade de emitir sinais ouvidos pelos outros.

Bion (1991) contribui discutindo que só a relação possibilita a experiência emocional e só esta propicia o conhecimento sobre si e sobre o mundo. Conhecer é equivalente a conhecer a experiência emocional e poder representá-la.

Esse conhecimento tem início durante a infância na interlocução com a mãe a criança vai construindo essa barreira de contato, à medida que a mãe possa conter pela criança as angústias excessivas e aguardar o devido momento de devolvê-las de forma metabolizada, isto é, com sentido para que a criança possa compreender e suportar esses sentimentos. A mãe fica então incumbida de transformar os elementos beta, que segundo Bion (1991) podem ser explicados como dados sensoriais e experiências sem

elaboração emocional, em elementos alfa que através da função de rêverie da mãe ajuda o bebê a suportar as situações difíceis. Essa capacidade de rêverie vai sendo introjetada com o passar do tempo.

Bion (1991) considera a princípio que o pensamento, antes mesmo de ser verbal e articulado se apresenta em forma de imagens. Essas percepções e impressões vão se transformando em pensamentos quando sofrem a interferência da função alfa. Na experiência da relação com a mãe é que surge a possibilidade de trazer a pessoa para o contato com a realidade, estabelecendo a diferença entre mundo interno e externo.

As vivências do encontro podem trazer uma nova experiência inusitada, a de estar com outra pessoa de maneira íntima, criando um território de possibilidades para o desenvolvimento. Brandão (2003) considera que a intimidade compartilhada traz uma ruptura no equilíbrio, uma turbulência emocional intensa e em seu bojo, a possibilidade de transformação: desencadeando pensamentos, possibilitando novas aquisições emocionais e construir uma pele psíquica.

Matos (2007) retrata o mundo atual como hiperativo, onde as pessoas fazem muitas coisas, mas coisas sem sentido. E não sabem o que fazer com o tempo que dispõe, por isso não podem ter tempo. É uma contradição, agitar-se para não ter tempo, por não saber o que fazer com ele, como é uma contradição a prevalência do ficar só, mas também não suportá-lo por não saber o que pensar quando a pessoa fica apenas consigo mesma. Parece existir um “não tempo” porque não existe a experiência de vivê-lo. A experiência é algo que só se constrói nas relações com outras pessoas ao longo da vida.

As pessoas vivem, relacionam-se com a intimidade que é possível, com cada par e cada grupo. O grupo adquire determinadas formas de intimidade por possuírem um cotidiano semelhante.

O que observamos de comum nessas relações e formas diferentes de intimidade, é que todo relacionamento compartilhado traz uma turbulência emocional intensa, da qual surge a possibilidade de transformação. Toda vez que pessoas se encontram, passa a existir a oportunidade de construir pensamentos e trocar sentimentos. Embora predomine em tempos atuais o individualismo e relações superficiais, restringindo a possibilidade de encontros significativos.

Bertão, F. R. B. M.; Hashimoto, F. (2009). Intimacy at the Contemporary. *Revista de Psicologia da Unesp*, 8(1), 83-88.

Abstract: *This article was shown at the VII Scientific Meeting of the Post-Graduation in Psychology/Integration Graduation - Post-Graduation, at UNESP-Assis, on the session “Time and Speed at the Subjectivity”.*

It searched to reflect about the ways of intimacy settled in a contemporary world, also thinking about the meaning of the meeting and or ruptures between the pair, therapist/patient, the development of the space of intimacy on the psychotherapy context.

Keywords: *Intimacy, contemporary, psychoanalysis, subjectivity*

Referências

- Anzieu, D. (2000). *O Eu - pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bauman, Z. (2003). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Brandão, C. M. M. B. (2003). Reflexões Sobre a Experiência da Intimidade no Processo Psicanalítico. In: XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise, Psicanálise em Transformação e do XIV Pré Congresso Didático. Recife.
- Bion, W. R. (1991) *O aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Trad. Jayme Salomão) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). “Projeto para uma psicologia científica (1950[1985])”. In: *Obras completas* (trad. Jayme Salomão) Rio de Janeiro: Imago, Vol. I, p. 335-454.
- Freud, S. (1996). “A Interpretação dos sonhos (1900)”. In: *Obras completas* (trad. Jayme Salomão) Rio de Janeiro: Imago, Vol. V, p. 371-700.
- Freud, S. (1996). “Uma nota sobre o “Bloco Mágico” (1925[1924])”. In: *Obras completas* (trad. Jayme Salomão) Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, p. 251-260.
- Klein, M. (1991). Sobre o sentimento de solidão (1963). In *Inveja e Gratidão* (trad. Elias Mallet da Rocha Barros e Liana Pinto Chaves) 4a ed. Vol. III, p. 280-297. Rio de Janeiro: Imago.
- Matos, O. (2007). É preciso reconquistar o tempo. *Revista Caros Amigos. Pós Humano o desconcertante mundo novo*, nº36, p.12-14. São Paulo.
- Minerbo, M. (1993). Intimidade e formas de intimidade: da escuta à teorização. *Revista Brasileira de Psicanálise. IPA e América Latina*, Vol. 27 (2), 223-248. São Paulo.
- Vilete, E. P.(2000). Sobre a Intimidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 34 (3), 567-575. São Paulo.

Recebido: abril de 2009.

Aprovado: agosto de 2009.